MONSENHOR ARIAS CRUZ

PADRE AZARIAS SOBREIRA

De São Luís do Maranhão, através de monsenhor J.J. Dourado, meu colega e amigo, me veio um apelo a que não consigo furtar-me: escrever, para uma Poliantéia que parentes e amigos de monsenhor Arias Cruz pretendem editar em prol da memória daquele saudoso ministro de Deus, meu antigo condiscípulo no Seminário Provincial desta cidade de Fortaleza.

A tarefa, embora muito grata a meu coração, não me vai ser fácil, pois, terminados os nossos estudos, cada um de nós tomou o seu rumo e nunca mais tivemos ensejo de abraçar-nos, salvo por via epistolar.

Em nosso tempo de seminaristas, não havendo ainda Curso Teológico, nem mesmo Científico nos seminários do Nordeste, exceção feita apenas da Paraíba, pouco a pouco introduziu-se a praxe de virem continuar seus estudos no Seminário de Fortaleza, os candidatos ao sacerdócio não só do Maranhão e do Piauí, mas também, um pouco mais tarde, os do Rio Grande do Norte e do Pará.

Entre essas levas de adventícios, merecem especial menção, relativamente ao Maranhão, Filipe Conduru Pacheco e Arias Cruz, com os quais convivi, proveitosamente, nos anos de 1913, 1914 e 1915; um e outro matriculados em nosso Seminário Maior, que então atravessava uma fase de inescurecível prosperidade e animação. Eram dois temperamentos tão diferentes, dois tipos tão distantes um do outro, que se diriam oriundos de raças as mais estranhas. Enquanto Arias dava a impressão de um brasileiro da gema, moreno claro e marcadamente comunicativo, Filipe tinha a pele bronzeada, constituição taurina e índole solitária, avessa a qualquer confidência ou extroversão.

Ambos, entretanto, distinguiam-se pela curiosidade de saber, apego incomum aos livros, preocupação de cultura, arraigados sentimentos religiosos, senso de responsabilidade e amor à ordem.

Quem viu jamais qualquer dos dois entrar em classe sem estar seguro da matéria prevista para aquele momento? Quem os viu incursos numa brincadeira menos recomendável, numa revelação de

leviandade ou hesitação sobre a espinhosa carreira por eles próprios escolhida? Alunos dos Padres Lazaristas desde o primeiro ano ginasial em São Luís, sob a batuta deles madrugou em ambos o gosto pela oratória e também para redigir assídua e caprichosamente. Era de notar neles pronunciada facilidade de palavra, além de correção de frase, ecoando assim, o empenho com que seus mestres maranhenses os submetiam a reiterados exercícios de tal natureza.

Em nossas sessões literárias mensais, por sinal que muito solenes, como também cada vez que comparecíamos às Conferências Hebdomadárias Vicentinas, podia-se dantemão assegurar que, pelo menos, o Arias Cruz pediria a palavra para discorrer sobre assunto edificante. E sua palavra era, já então, ouvida com geral agrado. Tinha calor, clareza de exposição; e em cerca de cinco minutos havia dito o necessário para transmitír ao auditório alguma mensagem de fé nos destinos da Pátria e da Religião.

Nas horas de recreio intra muros, ou durante passeios regulares que fazíamos à Praça dos Mártires ou à praia do Meireles, geralmente às quartas-feiras, a presença do jovem maranhense constituia motivo de júbilo pela bonhomia característica de suas observações, pela doce ironia de suas inocentes piadas, pela cordialidade com que a todos tratava. Não fossem as suas frequentes distrações, das quais resultava para seu amor-próprio indispensável desapontamento, seu bom-humor nunca o desamparava; e sua alegria a todos contagiava beneficamente. Por aludir a suas distrações, assinalemos duas das mais notáveis: sair de casa sem chapéu, cousa que só doidos faziam impunemente, e perder longo tempo à procura de objetos que trazia na mão...

O que linhas acima deixei dito sobre as tendências dos dois filhos do Maranhão de que me venho ocupando, teve plena confirmação, em um e outro, pela vida pública afora. Se não vejamos. Felipe, ainda muito moço, viu-se eleito Bispo e, não obstante o seu temperamento monástico, de homem de raros sorrisos, atingiu a velhice no desempenho dessas árduas funções, sempre em terras nordestinas. Uma vez encanecido e com a saúde comprometida, retirou-se à vida privada, indo ocupar um aposento no Paço Arquiepiscopal de São Luís, ao lado do respectivo Pastor do Arcebispado. E nos anos que ainda viveu entre 70 e 80 invernos, pode dedicar-se ao estudo da História Eclesiástica da Igreja Maranhense. E do aproveitamento desses lazeres, surgiram dois alentados livros que hoje enriquecem nossas estantes: a biografia do grande orador sacro e profano que se chamou Dom Luís de Brito, inolvidável Bispo

de Olinda, e a história da Igreja no Maranhão, que se estende por mais de dois séculos e assume feições de suma delicadeza para um historiador de sua têmpera, escrupuloso e objetivo.

Essas obras, que só foram editadas no fim de sua profícua existência, estão fadadas a perpetuar-lhe o nome, como de um beneditino dos fastos históricos da região onde veio à luz e onde fechou os olhos para sempre. Sem favor algum, a História Eclesiástica do Maranhão, de sua autoria, representa inaudito esforço de pesquisa, muitas vezes exigindo enfadonha busca em arquivos quase ilegíveis, e consultas sem conta a quantos poderiam dar-lhe esclarecimentos e sugestões dignas de acatamento.

A seu turno, Arias Cruz, tendo ido exercer o sagrado ministério numa região onde as populações careciam de regular evangelização, até porque ali eram raros os sacerdotes em condições de cuidar, eficientemente, da doutrinação popular, repartiu seu tempo entre a cátedra de professor, preferencialmente no Seminário Arquiepiscopal, e a militância na imprensa, como livre atirador, sem outros compromissos que não fossem as diretrizes de sua consciência cristã. Em tais ocupações, teve de terçar armas com diversos adversários da Igreja, que não eram poucos entre seus coestaduanos daquelas eras. Mais de uma vez, por força de seu temperamento por demais vivaz, e irônico, envolveu-se em polêmicas um tanto ruidosas, que os leitores liam e comentavam com ufania, mas que lhe acarretaram, por vezes, fundos dissabores certamente evitáveis.

Verdade é que, embora o coração de monsenhor Arias fosse incapaz de rancor ou de prevenção, a impulsividade de seu temperamento o traía, ocasionando-lhe contradições e desgaste para sua precária saúde.

Mercê divina, não era isso a constante de suas discussões pela imprensa. E a prova está no apreço de que morreu cercado, tanto da parte de seus incontáveis ex-alunos, quanto das famílias e até dos livres-pensadores com quem esteve em acesa refrega, no afã de reivindicar para a Igreja a consideração a que faz jus.

Monsenhor Arias Cruz era detentor de excelente coração: sabia cultivar velhas amizades; interessava-se, magnanimamente, pela educação de meninos pobres, como pelo amparo de órfãos e viúvas; e ao pé do leito de sofrimentos dos moribundos, sua alma ostentava ternuras de verdadeiro apóstolo, condoído, até no mais íntimo do ser, das angústias, alheias.

Pelo lado paterno, era cunhado do general Benjamim Barroso, cearense da melhor felpa a quem conheci de perto, quando aqui esteve ocupando as funções de Interventor Federal, logo após a Revolução de Juazeiro.

Por tudo levo dito, associo-me, cordialmente, aos promotores da Poliantéia em vésperas se sair do prelo, tendo em mira a exaltação do querido e pranteado morto.

(Do Jornal "O POVO" de 29.10.73).